
As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora

VICTOR S. GONÇALVES¹

(...)

*Et puis m'en revenir plus tard
Narrer mon aventure aux curieux de rêves
En élevant comme Sindbad ma vieille tasse arabe
De temps en temps jusqu'à mes lèvres
Pour interrompre le conte avec art...*
Tristan Klingsor, usado em *Shéhérazade*,
de Maurice Ravel²

Para o João Pedro,
que, como sempre, percebeu à primeira

R E S U M O

Das diversas e originais manifestações do megalitismo alentejano, as placas de xisto gravadas são sem dúvida as mais marcantes, pelo simbolismo que encerram e pelo seu carácter inédito na história do grafismo pré-histórico. As placas de xisto gravadas estão maioritariamente organizadas em campos, de cima para baixo, o primeiro correspondendo a uma «Cabeça», separada, ou não, de um «Corpo» por elementos de diferenciação, ele próprio rematado, ou não, por uma área final que marca o extremo inferior da placa. Algumas têm o contorno recortado, de forma a sublinharem ainda mais nitidamente o seu carácter antropomórfico. Outras apresentam figurações de Olhos, o mais das vezes com indicação da radiação, pelo que se lhes chama habitualmente «Olhos de Sol». As placas de xisto gravadas destinavam-se a ser colocadas ao peito dos mortos, pelo que apresentam muitas vezes uma ou duas perfurações no topo. As placas foram reconhecidas muito cedo, logo no século XIX, como um notável artefacto votivo e constituíram-se como objecto de diversas teorias explicativas. A que defendo, e é afinal, actualmente, a mais comum das opções, considera-as uma representação da Deusa Mãe, força de vida e, por isso mesmo, companhia dos mortos (Gonçalves, 2004a). Num dado momento do longo historial das placas e da sua utilização (provavelmente, mais de 500 anos, com o apogeu na primeira metade do III milénio, entre 3000 e 2500 antes da nossa era) surgem as placas oculadas, maioritariamente com representações solares, típicas da Deusa dos Olhos de Sol, comum

nas sociedades de arqueometalurgistas do Sul peninsular. Em toda essa vasta área, tais representações usam como suporte principal a cerâmica ou o osso, mas numa região do Ocidente que tem o seu coração no Alentejo, alargada da península de Lisboa para Sul, até ao Algarve, e abrangendo também a região de Badajoz e Huelva, surgem os símbolos da Deusa associados às figurações geométricas que preenchem as placas. Este trabalho apresenta ainda os objectivos do Projecto «PLACA NOSTRA» e os principais estudos actualmente em curso no seu âmbito.

A B S T R A C T Of all the diverse and original manifestations of the megalithism of Alentejo, engraved schist plaques are undoubtedly the most striking, due to their symbolism and unique character in the history of prehistoric graphic representations. The majority of engraved schist plaques are organised from top to bottom into sections, the first corresponding to an “head”, separated or not from a “body” by elements of differentiation, the latter being sometimes defined by an area that marks the inferior extremity of the plaque. On some the outline is cut in such a way as to underline with greater clarity the anthropomorphic character of the plaque. Others have representations of Eyes, often with radiating lines, usually called “Solar Eyes”. Engraved schist plaques were placed over the thorax of the dead, many of them having one or two perforations at the top for this purpose. The plaques were recognised very early, during the 19th century, as a remarkable votive artefact and were, for that reason, the object of various explanatory theories. The one theory defended by the author – the final and most commonly held at present – considers them to be a representation of the Mother Goddess, the source of life, and for that reason companion of the dead (Gonçalves 2004a). At a certain point in their long history (probably more than 500 years with a climax in the first half of the 3rd Millennium, between 3000 and 2500 BC), plaques with engraved eyes make their first appearance. These consist mostly of solar representations, characteristic of the “Eye Goddess” common in the early metallurgic societies of the South of the Iberian Peninsula. Such representations also use ceramic or bone as the main medium of expression. In a vast region of the Peninsular West extending southward from the Lisbon Peninsula into the Algarve, having the Alentejo as its centre and encompassing also the region of Badajoz and Huelva, the symbols of the Goddess appear associated with geometric representations that fill the plaques. This work also presents the objectives of the Project “PLACA NOSTRA” and its ongoing research in this field.

1. As placas de xisto gravadas

Das diversas e originais manifestações do megalitismo alentejano, as placas de xisto gravadas com motivos geométricos são sem dúvida as mais marcantes, pelo simbolismo que encerram e pelo seu carácter inédito na história do grafismo pré-histórico.

Na sua mais simples definição, poderíamos caracterizar o suporte como uma placa de xisto, de dimensões muito variáveis, entre os 8 e os 25 cm de altura, geralmente azul-escuro (mas com diferentes matizes), tendo mais raramente sido escolhido o xisto avinhado ou esverdeado (o serpentinito). A placa foi cortada de forma maioritariamente trapezoidal, com os cantos mais ou menos boleados, por vezes grosseiramente triangular, quase ovalada por vezes, sendo outros formatos possíveis, ainda que raros.

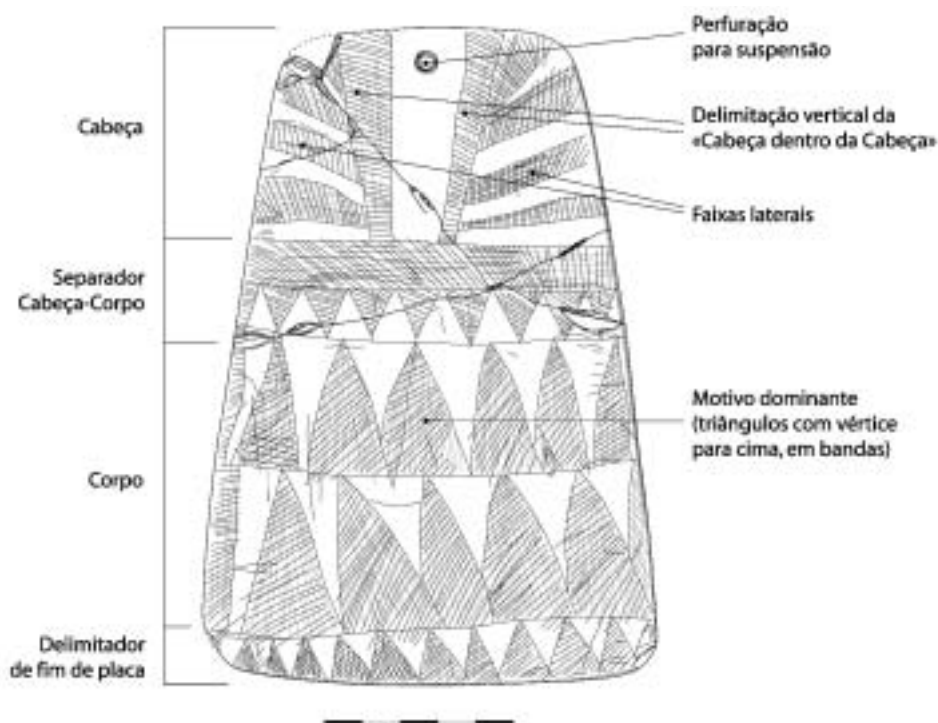


Fig. 1 (Em cima) Exemplo de uma placa com a maioria dos componentes *standard* de análise e respectiva nomenclatura (placa da Anta 1 do Xarez, em Reguengos de Monsaraz. Escavações do autor).

(Em baixo) As designações podem ser unívocas, mas nem sempre: as linhas guias verticais desta placa proveniente das antas da Mitra escondem duas linhas curvas simétricas que parecem definir escutiformes. Mas, uma vez limpas do seu preenchimento, revelam uma imagem antropomórfica bem conhecida em outros contextos.

Este suporte é preenchido com motivos que são de tipologias diversas:

1. triângulos;
2. linhas zigzagueantes;
3. faixas zigzagueantes;
4. quadrados ou rectângulos;
5. bandas horizontais ou verticais, rectas ou encurvadas, normalmente preenchidas.

Motivos que surgem isolados ou em diversas combinatórias. No caso das linhas ou faixas ziguezagueantes, incluem por vezes linhas guia, verticais ou horizontais, destinadas a contribuir para uma maior eficácia na obtenção de simetrias.

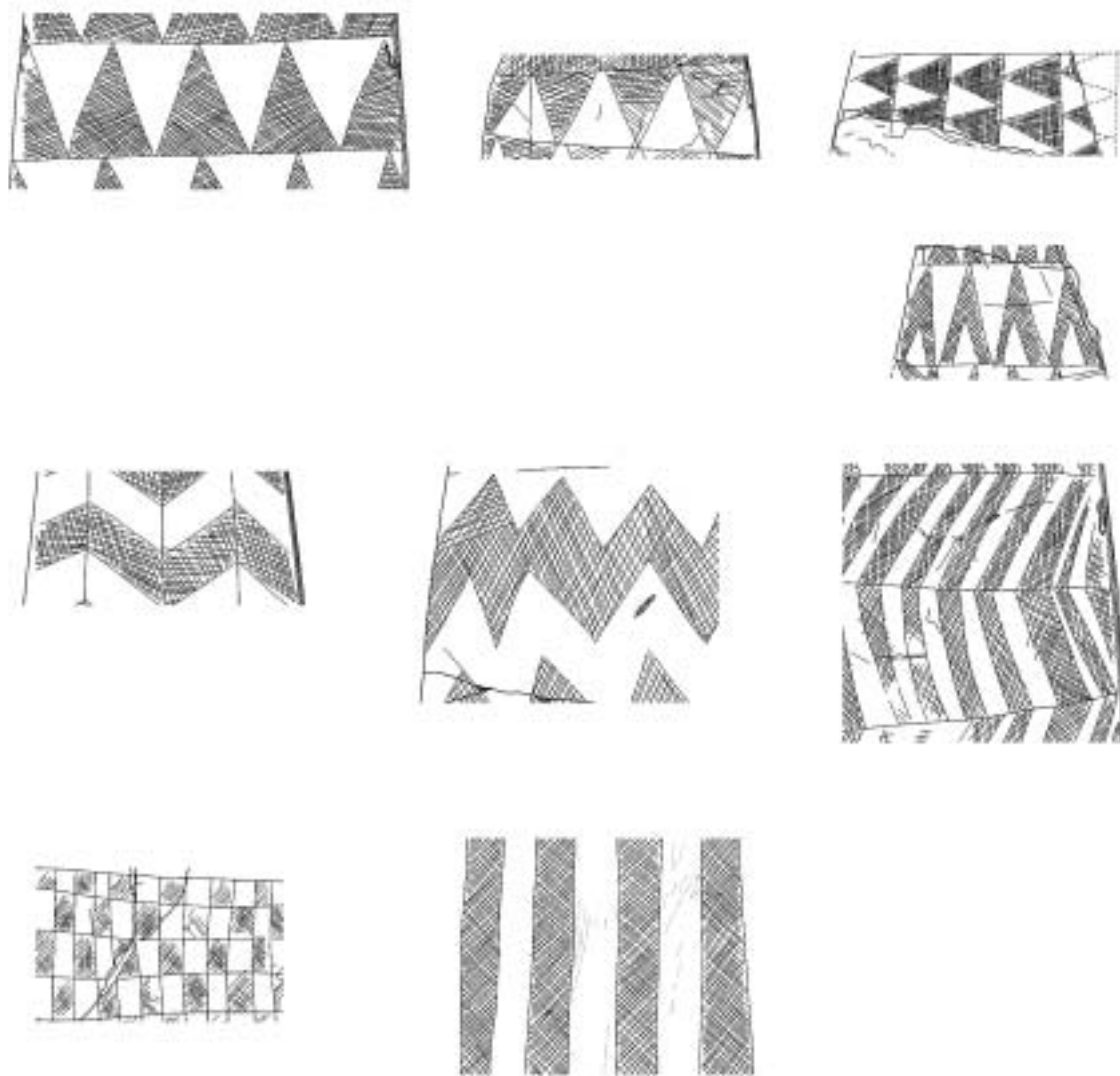


Fig. 2 Os principais motivos das placas de xisto gravadas da região de Évora. Triângulos: com o vértice para cima, com o vértice para baixo, com o vértice para o lado; triângulos preenchidos com um outro triângulo vazio dentro. Faixas ziguezagueantes: horizontais (com linhas guia verticais), horizontais espessas, não compartimentadas, verticais (com linhas guia horizontais). Mais raros, são os motivos em xadrez e as faixas verticais preenchidas. De entre os motivos ziguezagueantes haveria ainda que individualizar os que são representados por traços finos e não por faixas preenchidas (não incluído neste Quadro).
Motivos seleccionados a partir de originais desenhados no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA», aqui reproduzidos em escala 1:2.

As placas de xisto gravadas estão maioritariamente organizadas em campos, de cima para baixo, o primeiro correspondendo a uma «Cabeça», separada, ou não, de um «Corpo» por elementos de diferenciação, ele próprio rematado, ou não, por uma área final que marca o extremo inferior da placa.

Algumas têm o contorno recortado, de forma a sublinharem ainda mais nitidamente o seu carácter antropomórfico. Mas o recorte existe já, contido na organização das Cabeças de algumas placas. E o exemplo da Fig. 3 é disso imagem.

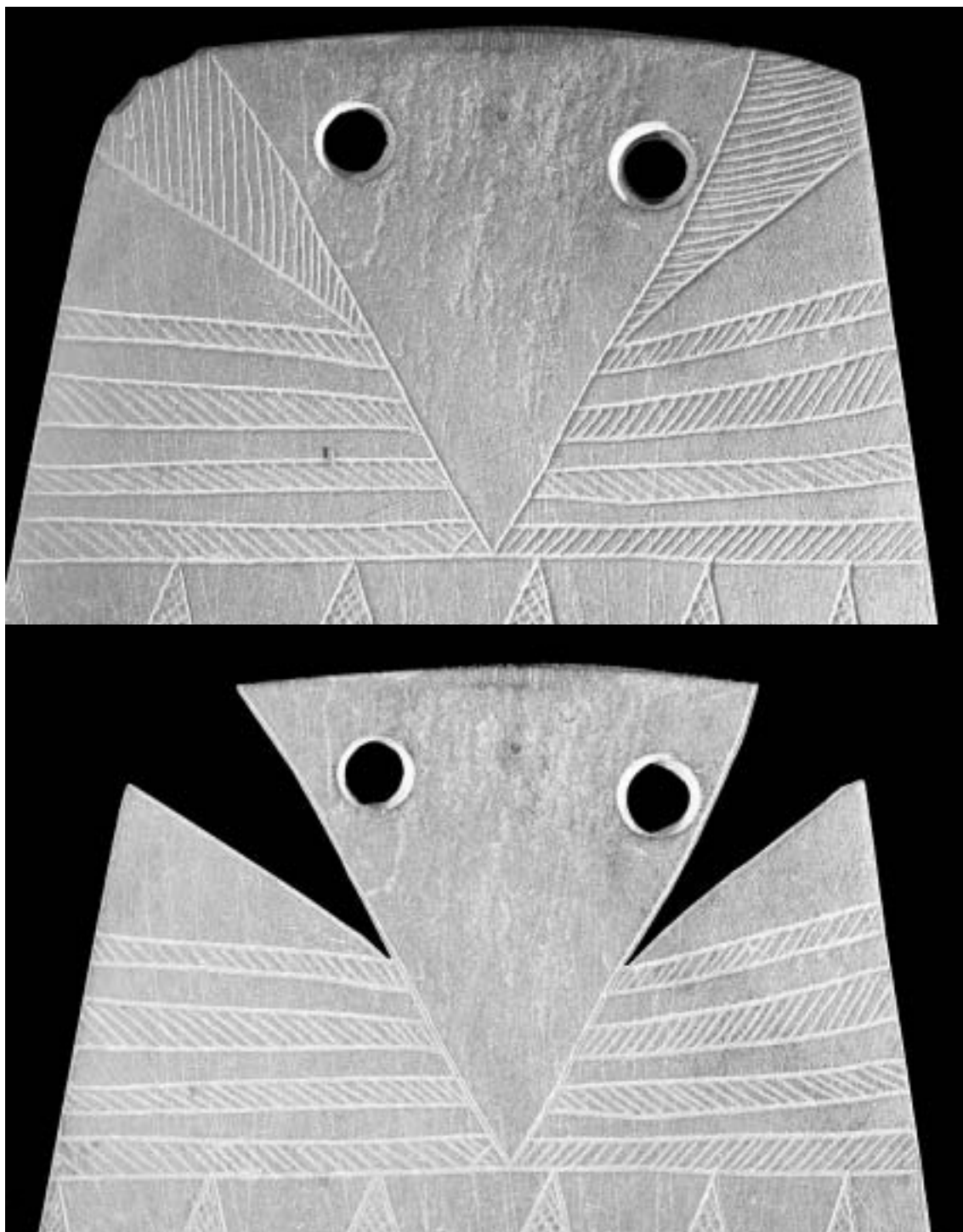


Fig. 3 Placa da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada) na sua configuração original e após recorte digital (Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004). O que se pretende aqui sublinhar é que a figura original contém já o seu próprio recorte, como é normal, e não que o recorte seja um acrescento posterior a uma imagem estável, sendo assim produtor de uma segunda vida para ela.

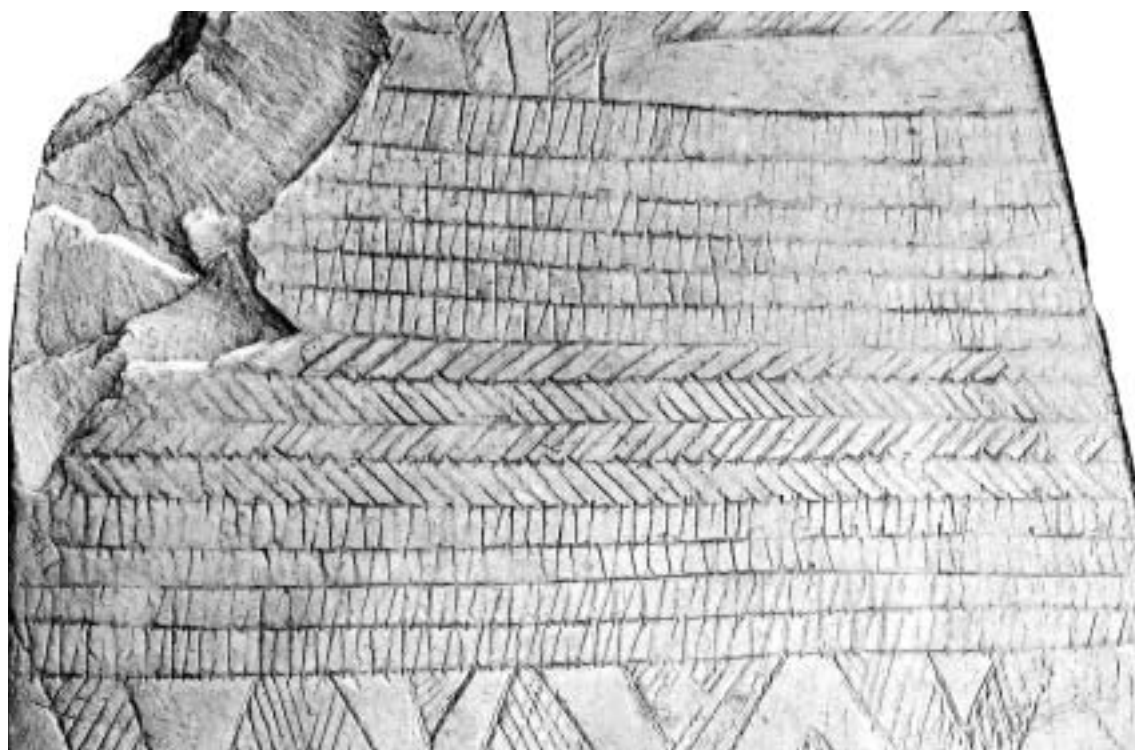
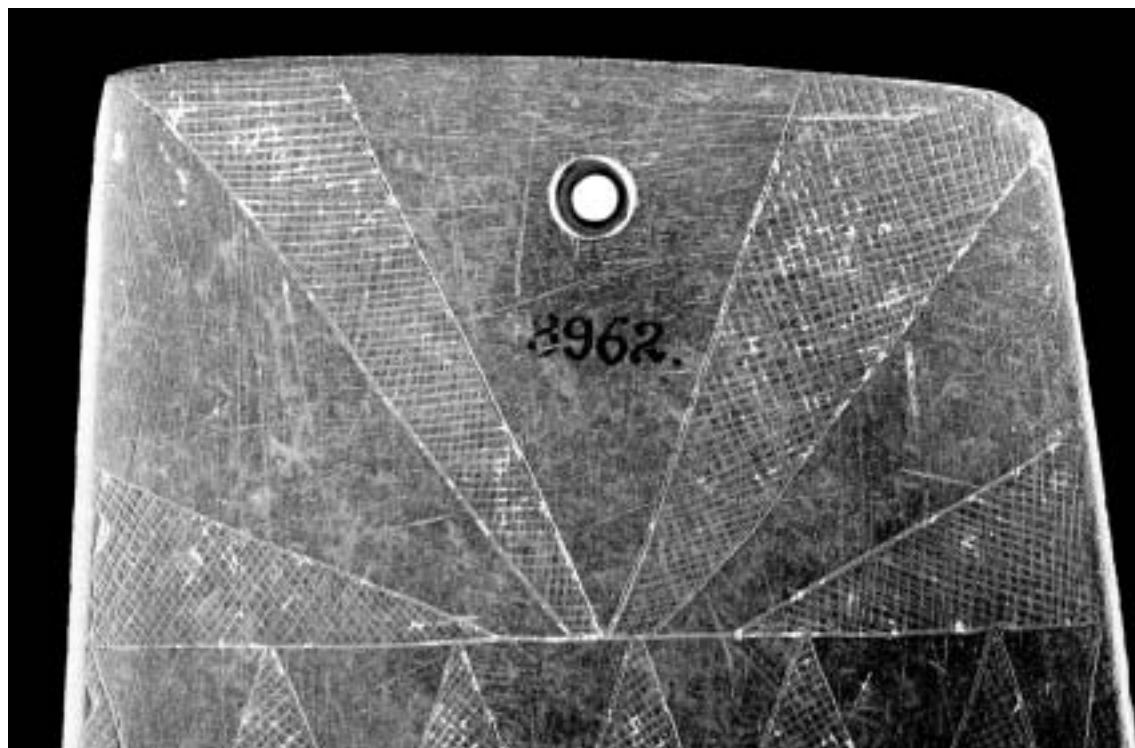


Fig. 4 Separadores Cabeça – Corpo de placas de xisto gravadas: as variantes mais simples e comuns.

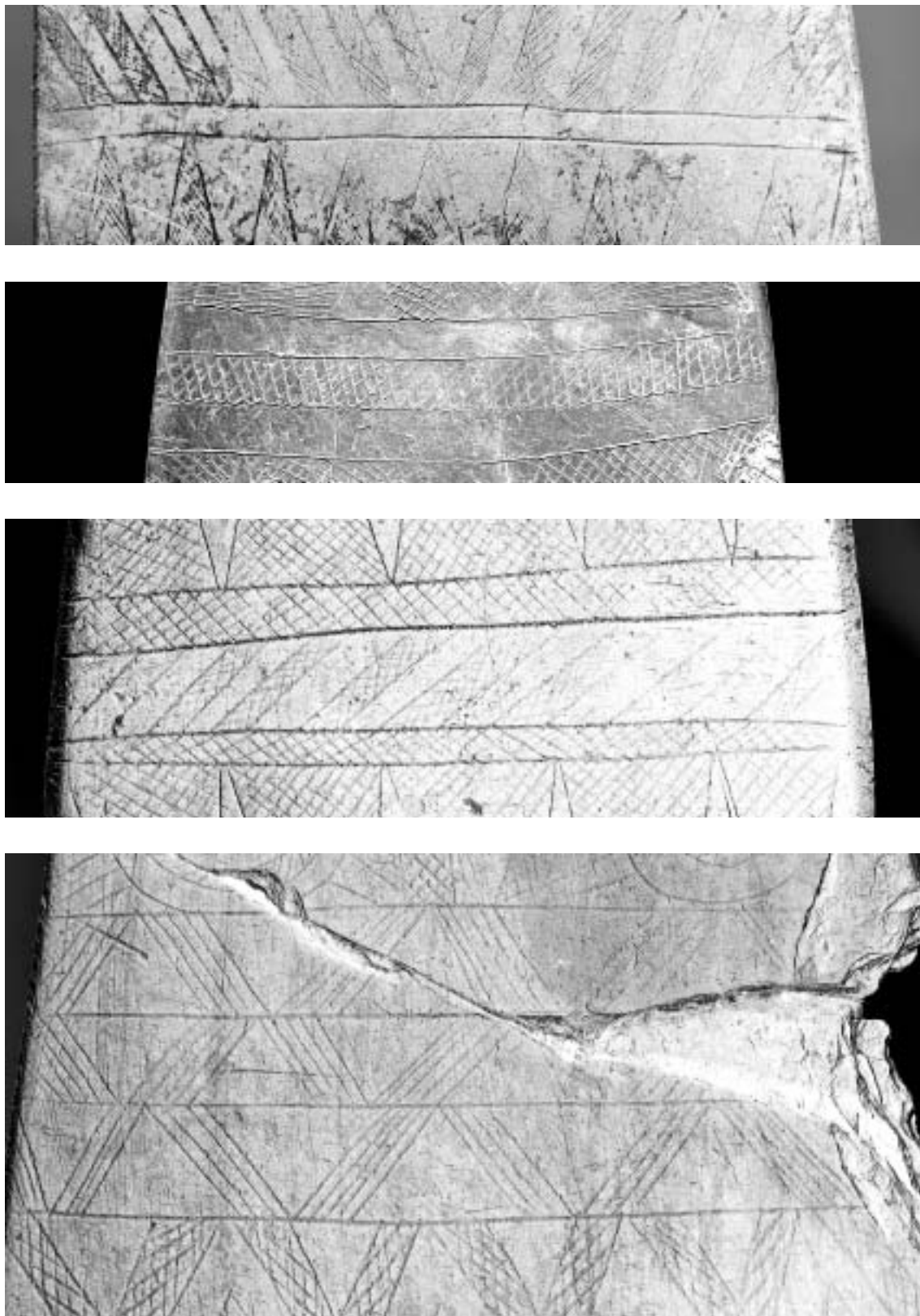


Fig. 5 Separadores das placas de xisto gravadas da região de Évora: variantes que implicam composições menos frequentes ou maior presença gráfica.

Outras incluem figurações de Olhos, muitas vezes com indicação da radiação, pelo que se lhes chama habitualmente «Olhos de Sol».

As placas de xisto gravadas destinavam-se a ser colocadas ao peito dos mortos, pelo que apresentam muitas vezes uma ou duas perfurações no topo. Admiti há algum tempo que as não perfuradas poderiam destinar-se a ser simplesmente colocadas sobre os ossos de reenumações, o que parece lógico, mas não está ainda provado por dados de escavação.

Na área correspondendo à Cabeça das placas, os tipos de preenchimento são diversos, mas ainda assim relativamente homogéneos. Basicamente, diríamos que existe um motivo central, triangular, trapezoidal ou, mais raramente, rectangular, que habitualmente designo por «Cabeça dentro da Cabeça», o que define automaticamente dois campos laterais que são objecto de decorações diversas, normalmente bandas preenchidas, mas também triângulos ou ziguezagues.

Os separadores Cabeça – Corpo são também diversificados, mas reúnem características que permitem seriá-los em categorias:

1. não existentes

Por vezes, as placas foram gravadas a toda a dimensão do suporte, sem uma verdadeira compartimentação de uma área superior e outra inferior. Nestes casos, a cabeça reconhece-se apenas pela morfologia da placa, por indicação do triângulo central e, em casos específicos, pela perfuração.

2. existentes

É possível estabelecer ainda duas linhas classificativas, uma recorrendo aos motivos usados no Separador, outra de acordo com a sua própria dimensão, neste sentido, a altura.

2.1. de entre os motivos utilizados para preencher o espaço do Separador, os mais frequentes são as bandas preenchidas com verticais, os triângulos preenchidos e segmentos de faixas ziguezagueantes, estes dois últimos exactamente os mesmos que encontramos no próprio Corpo da placa. Em alguns casos, quando se trata de uma faixa lisa, algum motivo pode ser «engastado» a meio, tal é o caso de algumas notáveis placas recentemente identificadas, o que, a nível da interpretação da simbólica, não é despreciando.

2.2. os componentes do separador vão, nos exemplares já estudados, de zero a 14, sendo este último o caso de uma placa proveniente da Anta Grande do Zambujeiro. Nesta situação, a imagem visual é definitivamente muito forte. A situação «zero» refere-se a placas em que um só motivo decorativo preenche o campo disponível e a situação «1» a um simples traço horizontal que, normalmente, marca o topo da banda superior dos motivos em triângulo ou define o campo em que entram os ziguezagues.

Os separadores ou marcadores de fim de placa não são tão frequentes como os de Cabeça – Corpo e apresentam duas categorias distintas, a primeira, a justificar discussão mais prolongada, reside na repetição do motivo dominante da placa, normalmente quando estes são triângulos preenchidos, mas com uma dimensão inferior. A outra categoria implica motivos diferentes.

Num dado momento do longo historial das placas e da sua utilização (provavelmente, mais de 500 anos, com o apogeu na primeira metade do III milénio, entre 3000 e 2500 antes da nossa era) surgem as placas oculadas, maioritariamente com representações solares, típicas da Deusa dos Olhos de Sol, comum nas sociedades de arqueometalurgistas do Sul peninsular. E também as placas recortadas, de que é excelente exemplo J.8-667, proveniente da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, datada, pela associação de um crânio humano, a dois sigmas, entre 2920 e 2870 cal BC (Gonçalves, 2003a, p.46).

Em toda essa vasta área, tais representações usam como suporte principal a cerâmica ou o osso, mas numa região do Ocidente que tem o seu coração no Alentejo, alargada da península de Lisboa para Sul, até ao Algarve, e abrangendo também a região de Badajoz e Huelva, surgem os símbolos da Deusa associados às figurações geométricas que preenchem as placas. O que quer dizer que, tal como uma figuração de Buda, de osso, marfim, pau-rosa ou pedra sabão, se refere sempre à mesma entidade, o mesmo se passa aqui. E da mesma divindade se trata, quer o suporte seja o xisto, o osso ou a cerâmica.

As placas foram reconhecidas muito cedo, logo no século XIX, como um notável artefacto votivo e constituíram-se como objecto de diversas teorias explicativas (entre outras, objecto de estudo em curso, a que defendo, e é afinal, actualmente, a mais comum das opções, considerando-as uma representação mais ou menos geometrizada da Deusa Mãe, força de vida e, por isso mesmo, companhia dos mortos (Gonçalves, 2004a).

Não é impossível, nem necessariamente mau, como se tem visto recentemente, a elaboração de propostas mirabolantes sobre o significado das placas. Ainda se vende a pseudo-literatura que considera as antas não como sepulcros, mas como altares druídicos. E a efabulação em torno ao mundo do Pacífico teve sempre a sua face sensata e o desvario comparativo, tão do agrado de alguns espíritos menos densos. Mas a distanciação física das colecções, as metodologias de estudo simplificadas e erradas, e a sua avaliação superficial e distraída desacreditam leituras que nem pós-modernas chegam a ser, a tal ponto mergulham no mundo bem pouco científico da especulação gratuita.



Fig. 6 Placas de xisto gravadas de Aljezur, publicadas por Estácio da Veiga (1886).



83

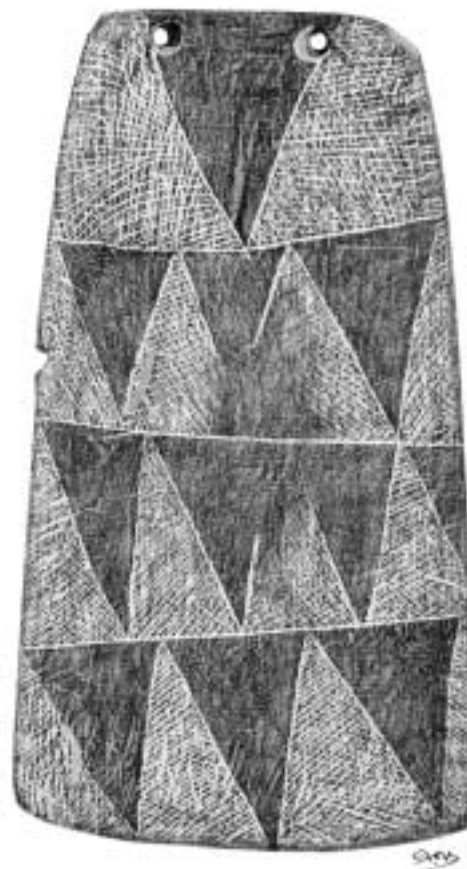
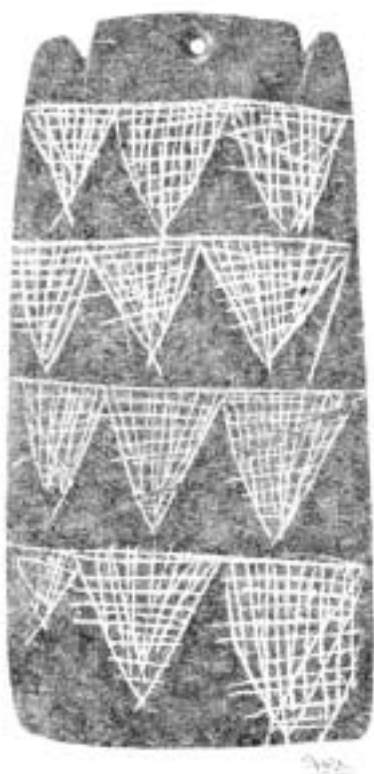


Fig. 7 Anta e placas de xisto gravadas desenhadas por F. Valença (Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, espólio em estudo).

Na realidade, as placas de xisto gravadas correspondem a um subsistema mágico-religioso de sociedades simples, não complexas, sem escrita ou outros registos afins, mas com uma carga simbólica patente nos menires e, particularmente, nas estelas-menir. Curiosamente têm também um conjunto simbólico maioritariamente não explicitamente figurativo: nenhuma delas apresenta serpentes (como a notável pinha de calcário de Casaínhos), machados encabados (como a estela menir do Monte da Ribeira) ou báculos (como os menires dos Almendres) ou lúnulas (como os menires de Portela de Mogos). E os sóis representados não são exactamente idênticos ao da estela menir da Belhoa...

As placas de xisto gravadas reúnem uma simbólica muito coesa e fechada, onde os Olhos, as mãos ou pés, o recorte, reforçam o seu verdadeiro significado, claramente antropomórfico. Se se tratava de uma ou mais Deusas, podemos sempre duvidar, mas um código de barras é que certamente não eram e em artigo recente tive oportunidade de escolher os indicativos implícitos e explícitos que nos permitem listá-las no interior do grande conjunto das representações antropomórficas.



Fig. 8 Leite de Vasconcellos, com uma placa de xisto gravada pendurada do botão de punho... (desenho de F. Valença).

Do pó dos séculos à poeira da cidade



Fig. 9 Manuel Heleno (à esquerda), desenhado por F. Valença, sempre com placas de xisto gravadas associadas (com uma vénia a Luís Raposo, que nos indicou a fonte de estas imagens). Desenhando e suando sob o Sol do Alentejo, vemos também, num auto-retrato, que não era incomum nos *cartoonistas* da época (como Stuart Carvalhais...), o próprio Francisco Valença (à direita).



Fig. 10 À esquerda, o esteio 1 de Antelas (Oliveira de Frades), segundo Albuquerque e Castro, Ferreira e Viana, 1957, Estampa IV. À direita, em destaque, as imagens comentadas infra.

E, justamente sobre o antropomorfismo mais ou menos explícito das placas de xisto gravadas, convém recordar o notável esteio de cabeceira de Antelas. Os autores da publicação defenderam tratar-se de dois «...ídolos, ou duas representações esquemáticas da figura humana, muito semelhantes às placas de xisto ornamentadas, geralmente designadas por «ídolos-placas», bem conhecidas nas culturas eneolíticas do Alto e Baixo Alentejo, Algarve, Estremadura espanhola e parte da Andaluzia.» (Albuquerque e Castro, Ferreira e Viana, 1957, p. 331). Consideram ainda a presença de um «pente de tipo egípcio» sobre a figura que presumem feminina.

Na verdade, o artigo em que Antelas foi apresentada, até mesmo pela egípciomania que passa em cada parágrafo de interpretação, é típico da arqueologia portuguesa da época e é excelente exemplo das suas qualidades e defeitos (e também dos parâmetros cronológicos de aceitação corrente para o Neolítico antes da *Revolução do radiocarbono*).

De qualquer forma, em minha opinião, o esteio 1 de Antelas, aliás como os restantes, contem elementos fundamentais para uma aproximação às referências do sagrado durante o IV milénio. E, contrariamente ao que propuseram os autores, não me parece tratar-se de representações semelhantes às placas de xisto gravadas, estas é que representam imagens de divindades como aquelas que foram pintadas em Antelas.

Da esquerda para a direita, na área do esteio que destaquei (ver acima, Fig. 10), temos, provavelmente, na minha interpretação, 1. um motivo serpentiforme vertical, ritmado por pontos (semelhantes às «covichas» de antas e menires); 2. um pequeno báculo; 3. um símbolo de significado desconhecido, formado por dois traços paralelos; 4. um pente de cardar lã, de filiação neolítica; 5. uma figura secundária (masculina ou feminina, é impossível dizê-lo com segurança), com dois quadrados-Olhos, que corresponderão, nas placas de xisto gravadas, às perfurações duplas; 6. uma figura dominante (de novo, é impossível aqui considerá-la definitivamente como masculina ou feminina), que corresponderá à figura das placas recortadas.

Parece-me ainda claro estarmos perante uma situação com duas interpretações possíveis.

Num primeiro cenário, teríamos um «casal divino», no que poderia ser a representação de uma hierogamia. E, neste caso, seria das raríssimas situações em que tal poderia ser pressentido.

Num segundo cenário, tratar-se-ia de duas figuras femininas, uma dominante (Mãe?), outra secundária (filha?), à semelhança do que acontece em alguns hipogeus franceses, onde duas figuras femininas de diferentes dimensões ladeiam a entrada do espaço mais sagrado do monumento.

De qualquer modo, parece cada vez mais evidente ser sobre imagens de Deuses como estes que as placas de xisto gravadas plasmam a essência do seu significado. E essa é aqui a questão nodal.

2. As placas de xisto gravadas da região de Évora

Quando se observa o tipo de monumentos e os números das placas de xisto gravadas do Centro e Sul de Portugal não deveríamos fazê-lo cegamente, mas em função do número mínimo de indivíduos que elas representam por monumento. E que são muitos, na região que vai de Évora até Reguengos, numa direcção, e de Évora a Montemor e à linha de costa, noutra.

Aqui, não é infrequente que o número de placas por monumento ultrapasse várias dezenas (Mitra, Passo 1, Cebolinhos 1, Xarez 1) ou mesmo mais de uma centena (Anta 1 do Olival da Pega, Anta Grande do Zambujeiro, *tholos* do Escoural). Ou, num caso inédito excepcional, mais de 300, segundo o escavador, provavelmente, na realidade, um pouco menos.

Em casos mais modestos, como o da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2003a), o número mínimo de indivíduos detectado pelos restos ósseos foi fixado em 25 e o das placas em 22, o que indica uma adesão generalizada ao complexo mágico-religioso de que as placas de xisto gravadas fazem parte (os três prováveis não portadores de placas seriam crianças de idade inferior a 6 meses). Mas nem sempre é assim, como se viu ao estudar o espólio da primeira fase de utilização do *tholos* OP-2b, onde o número de placas de xisto gravadas é restrito (quatro), para mais de 120 deposições fúnebres e apesar de superior na segunda fase (> de 17) está longe de ser tão volumosos como se esperaria.

Quadro 1. Monumentos com placas de xisto gravadas em Reguengos de Monsaraz e números provisórios.

Monumento	#	Esteios	Or	Cr	Cm (DlxDt)	PXC	BC
Cebolinhos 1	103	7?	130	4	4x4	31	2
Comenda 1	35	5?		D	3,5x3,8	4	0
Comenda 2	36	6	133	3	3,0x2,2	5	0
Comenda 2b (<i>tholos</i>)	36	N/r	N/r	N/r	N/r	3	1
Farisoa 1	111	7	133	4	3,2	3	0
Farisoa 1b (<i>tholos</i>)	111	N/r	N/r	N/r	N/r	2	0
Olival da Pega 1	50	7	122	>8,6	4,0 x 5,6	134	7
Olival da Pega 2a, Corredor	51	7	N/r	N/r	N/r	>9	0
Olival da Pega 2b (<i>tholos</i>) Fase 1	51	N/r	N/r	N/r	N/r	4	0
Olival da Pega 2b (<i>tholos</i>) Fase 2	51	N/r	N/r	N/r	N/r	>17	0
Olival da Pega 2d (<i>tholos</i>)	51	N/r	N/r	N/r	N/r	>11	0
Passo 1	82	7	122	>3,7	3,8 x 4	31	4
Santa Margarida 1	32	6	125	2,2	2,4	6	0
Santa Margarida 3	34	7	130	>2,33	2,9 x 3,0	22	0
Xarez 1	68	7	120	2,2	3,4x3,2	30	0

número no inventário Leisner. Or: orientação, quando conhecida. Cm: Câmara; Cr: Corredor; Dlx: diâmetro longitudinal máximo; Dtx: diâmetro transversal máximo. PXC: placas de xisto gravadas; BC: báculos. N/r: não relevante, por se tratar de um *tholos*. D: presença não integralmente quantificada.

A região de Évora, em sentido lato, é assim o centro de uma vasta área onde floresce o rito das placas de xisto gravadas e, muito provavelmente, o lugar que viu nascer e evoluir uma das mais extraordinárias e originais manifestações do sagrado da Pré-História do Ocidente peninsular.

Escavados desde longa data os monumentos megalíticos desta região, verificou-se porém, no entanto, que as placas de xisto gravadas nunca foram objecto de um estudo sistemático e convincente. O que, naturalmente, se reflecte nas interpretações propostas para o seu significado, algumas das quais deslocadas da realidade, recorrendo a paralelos exógenos, exóticos ou muito longínquos, como o Egipto ou as comunidades do Pacífico, que dificilmente podem ser aceites para este contexto. Também deve ser dito que as placas mais complexas foram desenhadas por alguns autores de uma forma esquemática (se não mesmo apressada) e simplificada, que lhes retira valor comparativo (Gonçalves, 2004a, fig. 3, 1-2-3). É indispensável rever as já publicadas, observá-las com lupa binocular, desenhá-las de novo nos casos mais sensíveis, e fotografá-las com alta definição.

Todas as principais características das placas de xisto gravadas se encontram nos exemplares recolhidos nos Grupos de Évora, Reguengos e Montemor:

1. todos os principais motivos «decorativos»: triângulos vazios e preenchidos, linhas e faixas zigzagueantes, faixas horizontais e verticais, motivos «em xadrez», molduras centradas, «Olhos de Sol»;
2. todos os tipos de contorno externo: contínuo, recortado com cortes mais ou menos profundos produzindo «Ombros» muito oblíquos, oblíquos ou rectos;
3. todos os tipos de forma geral: desde os ângulos rectos das formas trapezoidais aos cantos boleados, das formas quase elipsoidais às regulares
4. quase todos os motivos organizativos da «Cabeça»: derivados das pinturas ou tatuagens faciais da Deusa, motivos que definem as «placas CTT», motivos encurvados, temas raros;
5. todas as formas de organização do «Corpo» das placas: simetria simples, simetria intencionalmente desajustada, simetria radial, simetria em função de um motivo central vertical, «síndrome das placas loucas»;
6. todas as formas de definição da «Cabeça»: triangular, trapezoidal, rectangular, a toda a altura da sua área, retraída em relação a ela, omitida ou integrada no preenchimento integral da superfície;
7. todos os tipos de perfuração: único, duplo, inexistente. Todas as formas de utilização: primária e única, ou em reaproveitamento de uma peça anterior;
8. todos os tipos de gravação: «clássica» ou a traço fino;
9. todas as dimensões: desde a pequena placa (que não é um reaproveitamento) até à que chega aos 25 cm de altura;
10. todas as espessuras: dos exemplares muito finos aos verdadeiramente espessos;
11. todas as variantes no suporte: genericamente sempre o xisto, mas de cores por vezes diferentes da que é dominante (o azul escuro, por vezes acinzentado), como o xisto avinhado ou o esverdeado claro (serpentinito).

Algumas das placas de xisto gravadas desta região incluem-se em modelos cuja divulgação é extrema, indo até Huelva e Aljezur, numa direcção, e à Península de Lisboa, noutra. Traduzem algumas delas caminhos e redes de troca, como já exemplifiquei (1992 e 2003a), visíveis com extrema nitidez no caso das placas com Olhos de Sol de Huelva, Mértola, Mourão, Cabacinheiros (Évora) e Chelas (Lisboa).



Fig. 11 Placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, idêntica a uma do *tholos* do Escoural: ziguezagues como motivo dominante e um alto separador Cabeça - Corpo.



PAÇO 1 (ANTA A)
A-2447
984.290.1

Fig. 12 Placa de xisto gravada da Anta 1 do Paço. O que é notável, nesta placa, é o aspecto que a moldura interna assume, a do contorno de um ídolo almeriense, tal como no conhecido caso da Lapa do Bugio.

Fig. 13 (À direita) A maior placa de xisto gravada com motivos geométricos até hoje identificada em Portugal, a placa da Anta do Monte das Pedras, com 25 cm de altura. Inédita, Museu Nacional de Arqueologia.



Monte das Pedras (Cm)
2003.160.22

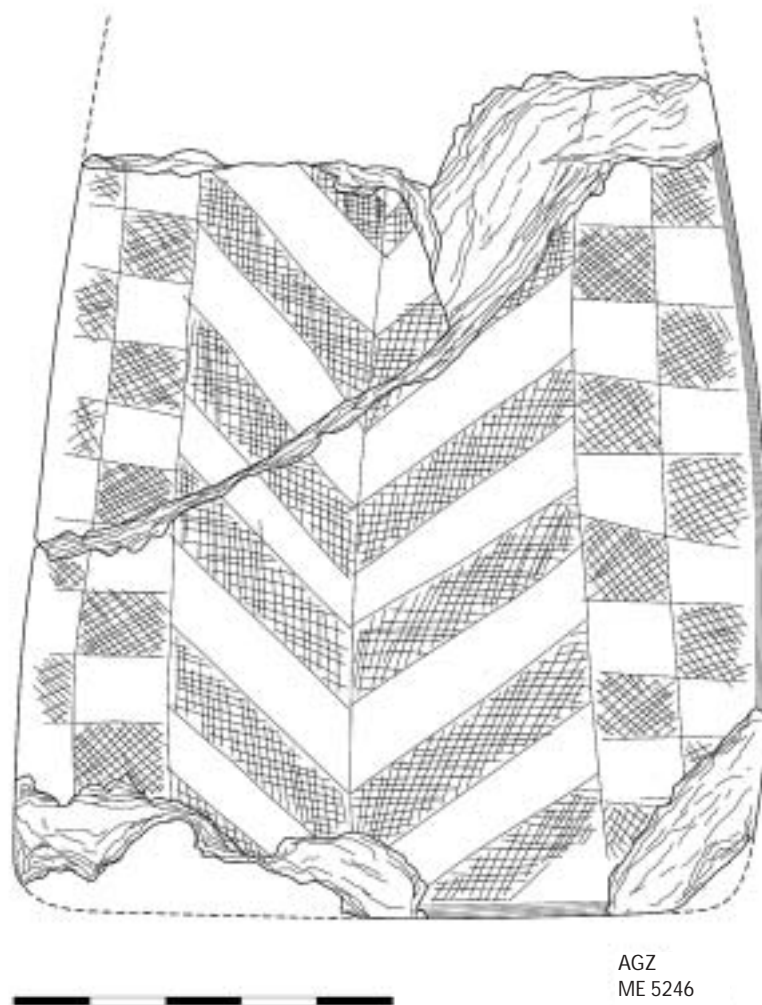
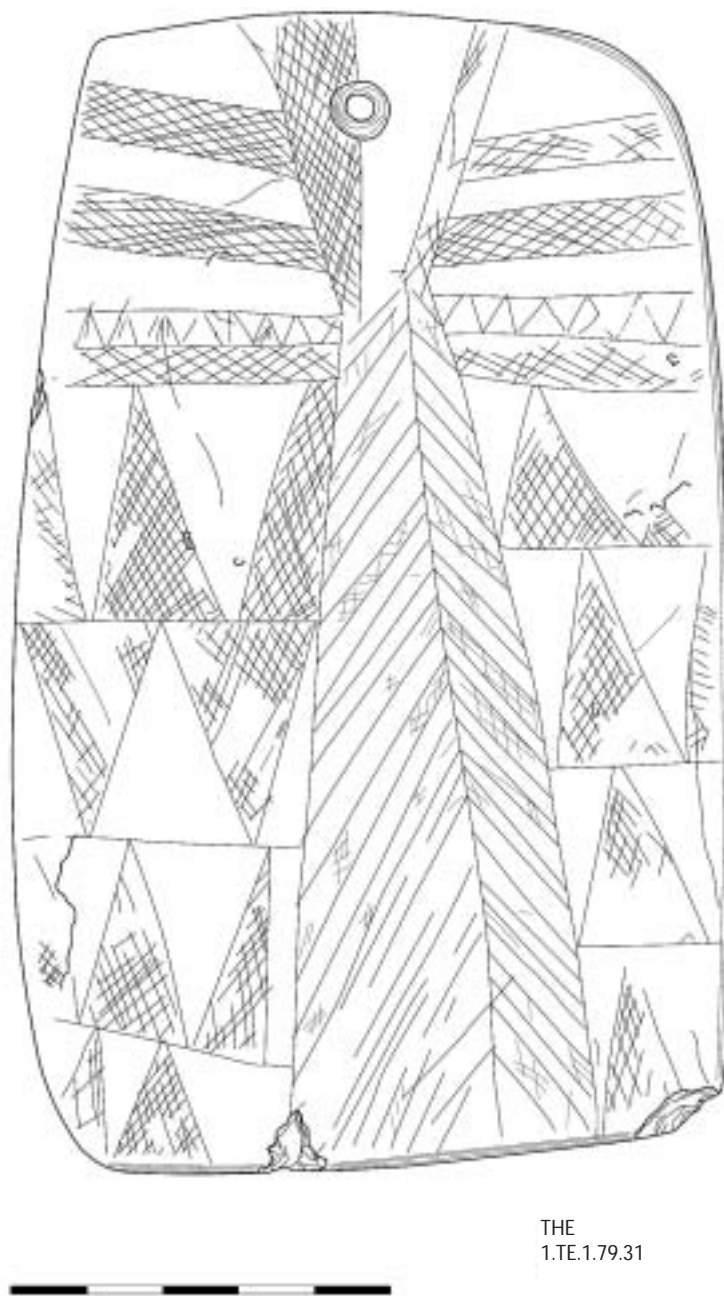


Fig. 14 Placa híbrida quanto ao motivo dominante, reunindo dois motivos principais.

3. O projecto «PLACA NOSTRA»

Desde 1985 que a equipa que estuda as antigas sociedades camponesas no *Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*, e cujo nome de código era UNIAHQ ALFA, se fixou em objectivos alentejanos, primeiro centrados em torno ao complexo megalítico do Olival da Pega e ao Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, e, mais recentemente, em torno à região Évora – Montemor.

A existência no Museu de Évora de um enorme acervo de placas de xisto gravadas, provenientes das escavações do «Grupo do Hospital» nas antas de Cabacinheiros, Loba, e Mitra, na sua quase totalidade inédito, e da escavação de Henrique Leonor Pina na Anta Grande do Zambujeiro, integralmente por publicar, conduziu a um processo de negociação com a direcção do Museu, no sentido de assegurar o tratamento e recuperação das placas (que se encontravam muito degradadas) e o seu estudo subsequente. Com o apoio do director do Museu Nacional de Arqueologia, e no âmbito do *Instituto Português de Museus*, as placas foram transportadas para Lis-



THE
1.TE.1.79.31

Fig. 15 Placa com a «síndrome das placas loucas», mas com o Corpo organizado por um motivo vertical central estruturante.

boa, onde decorreu em 2004 o processo de recuperação, que visa devolvê-las a Évora em condições de serem expostas ao público.

Após décadas de estudo intermitente do fenómeno das placas de xisto gravadas, foi o arranque do projecto «PLACA NOSTRA», que visa a construção de um *Corpus* sobre as placas e a elaboração de estudos de referência.

A Câmara Municipal de Évora, a Fundação para a Ciência e Tecnologia (através da UNI-ARQ) e a Fundação Calouste Gulbenkian associaram-se em 2003 a este projecto, subsidiando a sua execução.

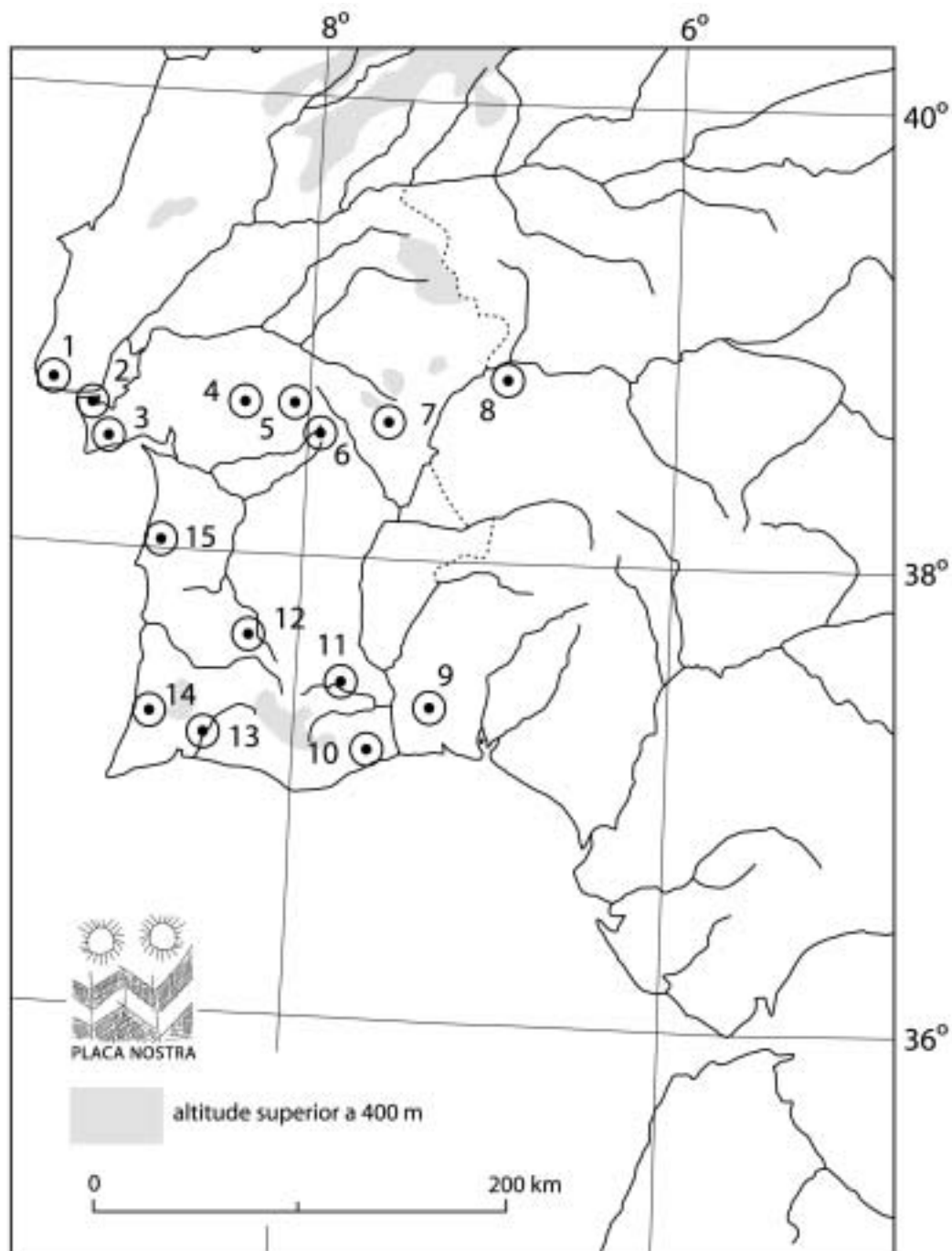


Fig. 16 Monumentos, sítios, conjuntos com placas de xisto gravadas actualmente em estudo ou revisão no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA».

A este objectivo primeiro, e bem grande ele era, considerada a dimensão do conjunto da amostra, juntou-se o projecto específico de estudo integral do espólio recolhido no *tholos* do Escoural por Manuel Farinha dos Santos. Esse antigo objectivo foi viabilizado, após a morte daquele arqueólogo, pelo Museu Nacional de Arqueologia, que colocou o conjunto à disposição da UNIARQ.



Fig. 17 Aspectos da recuperação e restauro das placas de xisto gravadas do Museu de Évora no Laboratório do *Museu Nacional de Arqueologia*.



Do espólio do *tholos* do Escoural sobressai justamente uma notável colecção de placas de xisto gravadas, a maior parte das quais nunca fora desenhada e nenhuma delas objecto de um registo científico adequado ou disponível.

A publicação de uma série de textos sobre as placas de xisto (Gonçalves, 1970 a 2004) traduziu assim, primeiro, uma aproximação a esta problemática e, depois, uma concentração de atenções na linha Reguengos – Évora – Montemor, segundo penso, a área onde realmente «nascem» as placas de xisto gravadas.

Actualmente, são os seguintes alguns dos objectivos do Projecto:

1. estudos pontuais

- 1.1. estudo de placas de xisto gravadas reaproveitadas da região de Évora (concluído, publicação em *O Arqueólogo Português* 21);
- 1.2. estudo das placas de xisto gravadas provenientes da gruta artificial S. Paulo 2 (concluído, publicação em *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2004, 2);
- 1.3. estudo das placas de xisto gravadas de Aljezur (concluído, publicação em *O Arqueólogo Português*, 22).

2. monografias

- 2.1. estudo integral das placas de xisto gravadas provenientes do *tholos* do Escoural (em conclusão, prevista a publicação na série monográfica de Suplementos a *O Arqueólogo Português*);
- 2.2. estudo integral das placas de xisto gravadas provenientes da Anta Grande do Zambujeiro (em curso de elaboração, prevista a publicação no âmbito do *Instituto Português de Museus*);
- 2.3. estudo das placas de xisto gravadas do Museu de Évora: Loba, Cabacinheiros, Mitra..., no âmbito da revisão do inventário daquele Museu.

3. trabalhos de longo curso

- 3.1. registo integral e eventual revisão de placas de xisto gravadas em Museus e colecções exteriores a Portugal;
- 3.2. estudo e registo definitivo integral em conjugação com o Programa Matriz das placas de xisto gravadas dos monumentos escavados por Manuel Heleno e presentemente no Museu Nacional de Arqueologia.

Como se vê, não são projectos pequenos, ainda que trabalho de equipa, e para se compreender melhor o que os fundamenta devem lidos outros dois textos programáticos anteriores (Gonçalves 2003c e Gonçalves 2004), eles próprios integrados nas sequências de aproximações que têm vindo a ser feitas a estes fenómenos.

De acordo com os ritmos previstos, o projecto «PLACA NOSTRA», envolvendo actualmente, para além de mim próprio, Marco Andrade e André Pereira, irá concluir já em 2004 a segunda e terceira fase dos trabalhos, publicando dois textos, reservando para 2005 os estudos integrais de conjuntos bem definidos, referentes a monumentos e sítios.

Também a publicação das monografias sobre o complexo megalítico do Olival da Pega e das antas do limite oriental do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz representará a apresentação de novas metodologias de análise e a divulgação de resultados que irão abrir de forma definitiva uma questão complexa, mas provocante, como a da interpretação das placas de xisto gravadas do Centro e Sul de Portugal.

Lisboa, Inverno de 2003

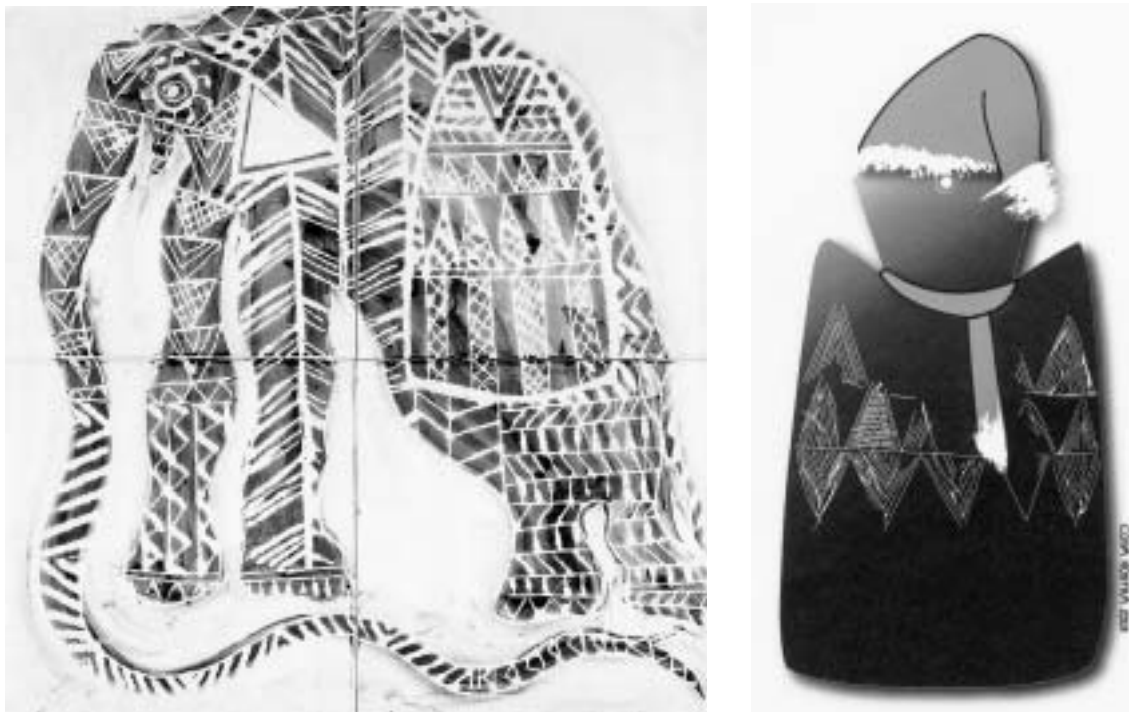


Fig. 18 Placas de xisto gravadas com leituras actuais. Um azulejo de Stéphanie King, inspirado nas placas que viu no Museu de Évora e um cartão para o Natal de 2003 do grupo «PLACA NOSTRA».

NOTAS

¹ Professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa
Director da UNIARQ.
vsg@fl.ul.pt.

² Versão aconselhada: Pierre Boulez e The Cleveland Orchestra, com
a voz de Anne Sofie von Otter. Deutsche Grammophon,
471 614-2, 2002.

REFERÊNCIAS E ALGUMA INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA COMPLEMENTAR

- BUENO RAMÍREZ, P. (1992) - Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. Paris. 16:2-3, p. 573-604.
- GONÇALVES, V. S. (1970) - Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1993a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5ª série. 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1993b) - As práticas funerárias nas sociedades do 4º e do 3º milénios. O Megalitismo. In *História de Portugal dirigida por João Medina*, Vol. 1, Parte V. Lisboa: Ediclube. p. 245-284.
- GONÇALVES, V. S. (1993c) - A Deusa das placas de xisto. In *História de Portugal dirigida por João Medina*. Vol. 1. Lisboa: Ediclube, p. 310-312.
- GONÇALVES, V. S. (1993d) - Os báculos, símbolos de poder?. In *História de Portugal dirigida por João Medina*. Vol. 1. Lisboa: Ediclube, p. 312-313.
- GONÇALVES, V. S. (1994) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Actas do seminário sobre Megalitismo*. Mangualde. 20-22 de Novembro de 1992. In *Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. 2. Actas do Seminário «O megalitismo no Centro de Portugal»*. Viseu, 1994, p. 115-135.

- GONÇALVES, V. S. (1995) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano*, Sagres, 1991. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (1996 [2003]) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4^o e 3^o milénios. *OPHIUSSA*. 1. Lisboa.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) - Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto, p. 83-91.
- GONÇALVES, V. S. (2001) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida* (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Estudos sobre o 3^o milénio no Centro e Sul de Portugal*. 2^a edição, revista e aumentada com dois novos ensaios do volume primeiramente publicado em 1995. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) - A anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). Sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datações de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 141-164.
- GONÇALVES, V. S. (2004) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito: breve dissertação sobre os limites fluidos do figurativo lidos a partir de componentes de algumas placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-184.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo a) - As placas de xisto gravadas de Aljezur (Algarve). *Arqueólogo Português*. 22.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo b) - Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *MAINAKE*.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2000) - *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003) - *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo. Actas do 2^o Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000* (Trabalhos de Arqueologia; 25). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004) - As placas de xisto gravadas da gruta artificial de S. Paulo (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (no prelo) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.^a série. 21, p. 209-244.
- LILLIOS, K. (2002) - Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 135-152.